

**Entre a doutrina e a treta:
a apologética dos leigos católicos na internet**

***Between doctrine and "treta":
the apologetics of lay faithful Catholics on the internet***

Ana Cássia Pandolfo FLORES DA ROSA¹
Sandra Rubia SILVA²

Resumo

O texto parte do conceito de catolicismo midiático (CARRANZA, 2011) com o objetivo de entender como leigos católicos se apropriam da internet para construir uma iniciativa de catequese digital que, ao reforçar a institucionalidade do catolicismo e criticar outras doutrinas, se constitui em um discurso apologético. A discussão dos contextos midiáticos no qual se molda esse projeto de catolicismo e o entendimento das especificidades da atuação dos leigos na web, se constroem a partir da abordagem etnográfica (HINE, 2016), com vistas a pensar a internet como realidade integrada na vida cotidiana e os fiéis como agentes construtores do catolicismo midiático. A análise expõe as motivações e interesses dos responsáveis pelo blog O Catequista e evidencia que, apesar do zelo doutrinário, a apologética se constrói mais pela performance midiática que pela defesa intelectual da fé.

Palavras-chave: Catolicismo midiático. Etnografia para internet. Leigos católicos.

Abstract

The text is based on the concept of mediatic catholicism (CARRANZA, 2011) in order to understand how Catholic lay faithful take over the internet to build a digital catechesis initiative that, by reinforcing the institutionalism of Catholicism and criticizing other doctrines, an apologetic discourse. The discussion of the mediatic contexts in which this project of Catholicism is shaped and the understanding of the specificities of the actions of lay faithful on the web are built on the ethnographic approach (HINE, 2016), with a view to thinking the internet as an integrated reality in everyday life and the lay faithful as constructive agents of mediatic Catholicism. The analysis exposes the motivations and interests of those responsible for the blog The Catechist and shows that despite the doctrinal zeal, apologetics is built more by the media performance than by the intellectual defense of the faith.

Keywords: Mediatic Catholicism. Ethnography for the internet. Catholic lay faithful.

¹ Doutoranda pela Universidade Federal de Santa Maria/RS. Membro do Grupo de Pesquisa " Consumo e Culturas Digitais". E-mail: anacassiapf@gmail.com

² Doutora em Antropologia Social (UFSC). Professora do Departamento de Ciências da Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Líder do Grupo de Pesquisa Consumo e Culturas Digitais. E-mail: sandraxrubia@gmail.com

Introdução

Na contemporaneidade, é possível afirmar que a mídia é a fonte cultural compartilhada entre a maioria das pessoas, pois nela circulam os discursos e os valores que mobilizam a sociedade e é através dela que se dão os debates mais abrangentes. Nesse contexto em que as tecnologias e os discursos midiáticos são parte cada vez mais intrínseca da vida social, Hine (2016) propõe que a etnografia contribui para que estudos de mídia não sejam demasiadamente focados apenas nos produtos midiáticos em si, mas busquem entender a mídia como parte da vida cotidiana. Partindo desse entendimento, ao nos propormos refletir sobre religião e mídia, buscamos evitar análises que focam demasiadamente nas instâncias institucionais, como se mídia e religião fossem esferas de experiência totalmente autônomas que disputassem entre si relações de influência e dependência, e dar destaque a atuação dos sujeitos nesses processos. A ideia é entender “os detalhes confusos daquilo que as pessoas realmente fazem com a mídia na prática” (HINE, 2016, p.12).

Sendo assim, esse texto se propõe a pensar como leigos católicos se apropriam da internet para construir um projeto de catequese digital que reafirma a institucionalidade do catolicismo ao combater doutrinas divergentes. Mais especificamente, buscamos compreender os enquadramentos que sustentam uma proposta de apologética construída por leigos católicos na internet, entendendo a apologética como o discurso que se dedica a defender uma religião buscando apresentar os fundamentos de sua doutrina. Como disciplina e prática pastoral, a apologética desenvolveu-se sobretudo no cristianismo, com destaque para a atuação dos padres dos séculos II a V, e se constitui, até hoje, em importante elemento de tensionamento entre o catolicismo e demais visões de mundo. No contexto católico brasileiro, propostas que privilegiam esse tipo de discursos têm encontrado nas plataformas digitais um espaço de expansão. Uma simples busca em sites de redes sociais revela a existência de muitas páginas dedicadas a defender visões conservadoras sobre doutrina e moral católica.

Sendo assim, a análise aqui apresentada se dá a partir do blog O Catequista, iniciativa criada e mantida por um casal de leigos católicos com uma proposta de catequese bem-humorada que parte da ideia de ensino de conteúdos doutrinários

(catequese) e chega à apologética. A proposta de ensino da fé em O Catequista se desenvolve através do esclarecimento sobre questões-chave da doutrina, da diferenciação entre catolicismo e outras religiões e do posicionamento sobre assuntos da atualidade, buscando oferecer uma “visada católica” sobre os fatos. A ideia parece ser munir os fiéis com argumentos que embasem a sua fé para que esses possam testemunhá-la fora dos limites eclesiais, pois como afirmam os blogueiros “ ser católico na paróquia é muito fácil”.

Para tanto, o texto estrutura-se conceitualmente a partir da ideia de catolicismo midiático (CARRANZA, 2011) e das considerações acerca do entretenimento (JENKINS, 2009) no intuito de pensar a atuação dos leigos católicos na internet dentro de uma perspectiva de continuidade em relação às experiências católicas midiáticas que a precederam. A abordagem de inspiração etnográfica é embasada nas considerações da chamada etnografia para a internet (HINE, 2016) que pretende evitar entendimentos da internet como uma realidade separada do “mundo real”, julgamentos sobre significados e usos que seriam inerentes às mídias e análises restritas aos textos midiáticos em si, sem considerar as relações que antecedem e resultam do engajamento com o texto midiático.

Catolicismo midiático: em busca da reinstitucionalização

Ao pensar os conflitos entre religião e modernidade advindos da relação da Igreja Católica com mídia no Brasil, Carranza (2011) apresenta o conceito de catolicismo midiático como uma tentativa de encapsular o contexto que leva a uma diversidade de iniciativas católicas que se multiplicaram e ganharam visibilidade na mídia nas últimas duas décadas. Apesar de se referir originalmente a empreendimentos midiáticos encabeçados ou tutelados pelo clero³ - como programas de televisão e rádio, shows de evangelização e padres cantores, o conceito se mostra promissor para o entendimento de iniciativas autônomas de leigos⁴ na internet quando essas também comungam da certeza de que “a mídia é o caminho mais eficaz para reinstitucionalizar os afastados e recuperar a maioria social e moral de um Brasil que até pouco tempo atrás se reconhecia majoritariamente católica” (CARRANZA, 2011, p. 19). Para a

³ Corpo de consagrados da Igreja Católica.

⁴ Entendido como os fiéis que não fazem parte do corpo de consagrados.

reflexão aqui proposta, o interesse está em entender a continuidade de projeto de catolicismo entre as diferentes propostas midiáticas que se esforçam para ser inovadoras no formato e tendem a ser conservadoras no conteúdo.

Dessa forma, se faz necessário o entendimento, mesmo que breve, das articulações que constroem o cenário no qual emerge o catolicismo midiático. A autora localiza esse tipo de catolicismo na esteira do pontificado de João Paulo II (1978-2005), conhecido por sua imagem carismática e jovial e pelo seu discurso conservador sobre doutrina e moral, e da ação dos movimentos leigos, após o Concílio Vaticano II. Os movimentos leigos são correntes dentro da Igreja que se organizam como diferentes formas de se viver o catolicismo— cada um com seu “carisma” próprio – ou seja, com um enfoque e sistemática de trabalho particulares dentro da grande missão da Igreja de evangelizar. Sendo assim, esses grupos são responsáveis por “diversificar” as opções de engajamento dos fiéis na Igreja como tentativa de diálogo com a sociedade contemporânea.

Os movimentos da Igreja podem ser vistos, atualmente, oscilando entre os efeitos da secularização e as potencialidades subjetivas da sociedade do consumo. De um lado, com temor e tremor perante a concorrência moral que supõe estilos de vida pautados pelo consumo, do outro lado, tentando deflagrar processos de reinstitucionalização que lhe permitam retomar a hegemonia sociocultural de antes (CARRANZA, 2011, p. 32).

Dessa forma, os movimentos eclesiais, principalmente o carismático, passam a dar suporte a importantes iniciativas midiáticas como canais de televisão, emissoras de rádio, editoras e gravadoras. Partindo das evidências empíricas da trajetória do padre cantor Marcelo Rossi, Carranza (2011) descreve o catolicismo midiático como enraizado culturalmente numa religiosidade popular ressignificada por performances midiáticas. Esses novos modos de experiência religiosa passam a acionar uma forma de adesão institucional que se dá através de personalidades representativas e portadoras de valores religiosos, aproximando e até confundindo os papéis de fiéis e de fãs.

É importante notar que com essa matriz cultural na religiosidade popular, o público preferencial da mensagem do catolicismo midiático são os próprios católicos, principalmente os “não-praticantes”, ou seja, aqueles que se identificam ou são iniciados na religião, mas não possuem envolvimento institucional com a mesma.

Segundo a autora, é a esperança de converter e atrair os afastados para dentro da Igreja que nutre a razão de ser desse tipo de trabalho pastoral.

Nesse sentido, o catolicismo midiático, apesar de sua aparência tecnológica e inovadora, se aproxima dos setores conservadores ao manifestar seus ideais de reinstitucionalização e de reforço das questões doutrinárias e morais e “ergue-se em zeloso guardião do intransigentismo, ou melhor dizendo, ele é a face modernizadora do catolicismo intransigente, responsabilizando-se por dar uma resposta certa às preocupações dos processos de descatolização sofridos pela Igreja” (CARRANZA, 2011, p.279). Como destaca a autora, o desenrolar do catolicismo midiático não acontece sem a insatisfação de setores mais progressistas da Igreja, que criticam o conservadorismo doutrinário e moral, bem como o distanciamento de pautas sociais.

Todo esse contexto se torna relevante para a compreensão da atuação de uma parcela significativa de leigos que, atualmente, tomam a internet como um ambiente privilegiado para vivenciar e reafirmar sua catolicidade. Nesse sentido, a primeira questão a ser considerada diz respeito à importância dos movimentos eclesiais para a construção desse cenário, pois, na maioria das vezes, a dinâmica desses grupos não se centra na figura dos sacerdotes, mas na liderança leiga. Isso significa que, mesmo sob a tutela dos clérigos, as atividades dos movimentos não dependem da pessoa do sacerdote para acontecer. Assim, os movimentos se constituíram em espaços propícios nos quais os leigos puderem desenvolver e ampliar a sua atuação na Igreja. Além disso com a pretensa identificação entre as lideranças leigas e os “fiéis comuns” pode ser considerada que essa “abertura aos leigos” seja uma aposta do catolicismo para fortalecer questões de evangelização, identidade e pertencimento.

Dessa forma, a perspectiva de atuação leiga promovida pelos movimentos pode ser entendida como fomentadora de um protagonismo fundamental para que o quadro atual de iniciativas midiáticas encabeçadas por leigos fosse possível. Mesmo que muitos dos fiéis produtores de conteúdo católico na internet não tenham nenhum tipo de ligação com esses movimentos, a ação desses grupos criou condições e mostrou caminhos para que as iniciativas independentes na rede fossem aceitas dentro da dinâmica eclesial.

Outra questão que merece atenção é a continuidade da proposta de reinstitucionalização católica na atuação digital de significativa parcela de leigos. Sobre isso, parece ser possível inferir que, se os movimentos foram como uma escola para o

protagonismo leigo na Igreja, a perpetuação de seus ideais seria a herança desse aprendizado. Levando em consideração que a maioria dos leigos que usam a internet foram socializados em uma realidade eclesial permeada pela ação dos movimentos é de se esperar que muitos deles tomem para si os mesmos posicionamentos morais, doutrinários e objetivos institucionais.

Todo esse contexto desvela algumas conjunturas que nos ajudam a entender melhor a proposta de O Catequista. Mesmo que o blog desde seu lançamento em 2011 tenha sido uma iniciativa independente dos fiéis e sem vinculação com nenhum movimento, a trajetória do casal responsável pelo projeto traz fortes marcas dessas relações. Primeiramente porque em O Catequista os leigos se colocam em uma postura de quem ensina a fé, catequiza a outros menos instruídos. Esse posicionamento se explica, em partes, pelo fato do blog ter surgido como alternativa para ampliar e qualificar o trabalho de catequese que já era realizado pelo casal em sua paróquia no Rio de Janeiro/RJ. Contudo, o que chama a atenção na fala dos blogueiros é a percepção deles sobre a insuficiência da formação catequética pela qual passa a maioria dos fiéis. Sobre isso, o catequista afirma: “uma coisa que me incomoda desde o início é que um percentual muito baixo dos católicos é realmente catequizado”. Qual seria, então, o motivo que garantiria ao casal de catequistas fazer parte da pequena porcentagem de católicos realmente catequizados?

Parte significativa dessa resposta parece estar na relação dos blogueiros com o movimento Comunhão e Libertação no passado. Ao se proporem a dialogar com a contemporaneidade, os movimentos eclesiais possuem papel central na formação de leigos mais atuantes, engajados e mais interessados em dar respostas aos questionamentos da atualidade. No caso dos catequistas, entendemos que é possível inferir que a participação deles no movimento Comunhão e Libertação oportunizou formação doutrinária capaz de fazê-los sentirem-se capacitados a contribuir na solução dos problemas da Igreja. Apesar de não estarem mais vinculados ao movimento, os blogueiros reconhecem que há muitas influências dessa formação no seu trabalho. Tendo em vista que o Comunhão e Libertação se estrutura a partir de ideias como a “madura educação cristã dos seus membros parece ficar evidente as conexões com projeto de O Catequista.

O panorama descrito até aqui, desvela os contextos que sustentam a apologética dos leigos na internet, tanto pela continuidade do projeto de reinstitucionalização católica - modelado nos desdobramentos do pontificado de João Paulo II, quanto pela dinâmica eclesial impactada pela ação dos movimentos. Na próxima seção, refletimos sobre como o entretenimento e as potencialidades do ambiente digital impactam a atuação dos leigos na internet

Em busca do entretenimento e da identidade

Desde os pioneiros programas de rádio e televisão, até os mais recentes *youtubers* católicos, o esforço para dar feições descontraídas e de lazer aos produtos midiáticos religiosos é constante no catolicismo midiático. Com isso, “a ideia de que não é porque se tem fé que se deve distanciar da moda, da tecnologia, da diversão” (CUNHA 2016, p. 57) foi se tornando familiar para o fiel. Sendo assim, apesar de muitas vezes o entretenimento se utilizar de elementos conflitantes com os valores cristãos, como a violência, a articulação entre essas duas narrativas passa a ser cada vez menos problematizada e mais naturalizada.

Dentro do contexto das mídias digitais e em rede, essa tendência é confirmada e diversificada. Segundo Hoover (2014) com a internet, a possibilidade de intercâmbio e interação entre grupos, que professam ou não a mesma crença, fica potencializada. As facilidades em emitir mensagens religiosas e produzir conteúdo, além de promover debates e construir relacionamentos, passam a ser vistas como novas oportunidades de evangelização. Essas possibilidades de compartilhamento, criação e colaboração oportunizadas pela web também dão margem para apropriações lúdicas da religião que privilegiem o humor e o entretenimento.

Os fiéis, já familiarizados com a diluição das fronteiras entre religião e entretenimento, ao apropriarem-se das ferramentas de recombinação e compartilhamento das redes digitais constroem atuações criativas e ressignificam os sentidos religiosos através de memes, paródias, piadas. Com isso, os leigos inserem os conteúdos religiosos na “linguagem da rede”, demonstrando habilidades em lidar com situações e expectativas que são próprias da internet. Assim adquirem expertise frente

as plataformas digitais e aos assuntos que mobilizam a web, se transformando em vozes influentes dentro do quadro religioso.

Isso por que, muitas vezes, aquilo que aparentemente não passa de brincadeira de internet pode servir de ponto de partida para discussões mais abrangentes sobre questões políticas, sociais e ideológicas. Essa é a ideia proposta por Jenkins (2009, p.363) de “diversão séria” que busca destacar como memes e paródias são utilizados por diversos grupos para colocar em pauta temáticas mais amplas. Muitas vezes, o entretenimento é utilizado como estratégia para conferir leveza para assuntos sérios e posicionamentos incisivos. Além disso, o tom jocoso deixa os conteúdos mais atrativos e de fácil compreensão, quando comparados com os discursos especializados que tendem a ser mais herméticos e formais, alcançando audiências menores. Dessa forma, o humor ajuda a transpor barreiras.

A proximidade e a identificação entre “pessoas comuns” na internet também potencializa a relevância do conteúdo produzido pelos fiéis. Jenkins (2009, p. 51) ressalta que, em algumas ocasiões, esse tipo de informação compartilhada pelas pessoas comuns é mais esclarecedor e relevante que as notícias veiculadas nos grandes noticiários ou pelo discurso público. Nesse sentido, entende-se que o conteúdo gerado pelos fiéis de forma independente na internet pode atender melhor às necessidades de informação e orientação dos católicos que o produzido por fontes oficiais. Isso acontece principalmente quando, por estarem inseridos no cotidiano das redes digitais, os fiéis conseguem responder mais rapidamente aos debates em ascensão na internet.

No caso de o Catequista, as referências à cultura popular e o tom humorístico das postagens são traços característicos do projeto, usados como estratégia de diferenciação. Ao falarem sobre si, os blogueiros se definem através da ideia de “catequese de boteco” que uniria os conteúdos doutrinários das aulas de catequese com a descontração de uma conversa de bar. Quando perguntados sobre esse investimento em linguagem informal, eles afirmam pretenderem fugir do “catoliquês” utilizado em outras páginas católicas que, segundo eles, dificulta a compreensão dos textos e não desperta o interesse dos jovens. Na visão dos catequistas, o uso do humor é entendido como inovação e originalidade.

Além de todo o investimento para que os assuntos tratados pelo blog se tornem atrativos, também é possível perceber que o humor colabora para que os blogueiros

reafirmem suas posições religiosas, buscando deixar evidentes sua diferenciação frente a outras crenças ou outras correntes dentro do próprio catolicismo. Os memes são usados, na maioria das vezes, para manifestar diferenças de posicionamento e apontar “falhas” de outros discursos. Tais críticas podem se referir ao comportamento de católicos, como na imagem abaixo em que se censura o sincretismo religioso:

Figura 1: Meme de O catequista sobre sincretismo religioso.



Fonte: www.ocatequista.com.br

Considerando as expressões faciais em evidência na imagem, entende-se que a combinação de práticas de diferentes religiosidades é considerada ilegítima pelos blogueiros.

Os memes se prestam também para evidenciar diferenças doutrinárias entre católicos e outras religiões, como na imagem a seguir:

Figura 2: Meme de O Catequista sobre diferenças doutrinárias entre católicos e evangélicos.



Fonte: www.ocatequista.com.br

Nesse meme a ironia é utilizada como recurso para evidenciar a diferença entre os evangélicos que, com base no princípio da *sola scriptura*, constroem sua doutrina apenas sob a interpretação da bíblia; e os católicos que se estruturam doutrinariamente com base no tripé: escritura, tradição e magistério. A figura do sapo, personagem da série Os Muppets, sugere que o espanto com as críticas que o blog faz aos evangélicos deveriam ser interpretadas como inocência ou desinformação, já que até o papa Francisco, tido como figura afável e acolhedora, corrobora com tal discurso.

Os memes de O Catequista são utilizados para colocar em pauta assuntos importantes para os blogueiros e sua rede e também se constituem em recursos identitários. Pois, como explicam Hall (2000) Silva (2000) e Woodward (2000) a identidade se constrói na relação com a diferença. A identidade pode ser entendida como o ponto de encontro entre os discursos e práticas que interpelam o sujeito para que ele assuma um lugar social e que precisa da alteridade para se delinear e se afirmar. Além de serem interdependentes, identidade e diferença precisam ser ativamente produzidas por atos de linguagem. Nesse sentido, a função dos memes vai além de

informar sobre diferenças doutrinárias de maneira divertida, pois eles servem como construtores e marcadores identitários que ajudam a delimitar fronteiras entre a variedade de discursos religiosos em circulação nas redes digitais.

Da catequese à apologética: a trajetória de O Catequista

O fragmento de análise de inspiração etnográfica apresentado a seguir faz parte de pesquisa de doutorado em andamento e objetiva compreender como a atuação dos leigos blogueiros em O Catequista constrói uma proposta de apologética católica na internet. A abordagem etnográfica foi construída através de observações on-line, troca de e-mails e conversas presenciais com os catequistas no período de maio de 2014 a maio de 2017.

Na lógica de fundamentar racionalmente a crença, os catequistas se empenham em produzir discursos com muitas referências ao catecismo, documentos da Igreja, escritos de santos, encíclicas papais, Código de Direito Canônico, tratados teológicos e filosóficos. Todas essas “referências seguras”, segundo eles, garantem que o blog publique “aquilo que a Igreja diz”. O empenho em “ser a voz da Igreja” pode ser entendido como estratégia na busca por autoridade, entretanto, está mais ligado ao propósito de diferenciar o “certo” do “errado” que de buscar oficialidade. Essas intencionalidades são inferidas pelas respostas que os blogueiros dão aos questionamentos feitos por seus leitores sobre a validade das posições expostas por eles nos textos. Ao mesmo tempo que eles admitem “não somos porta-vozes da Igreja Católica. O Catequista é uma iniciativa 100% leiga” também defendem a legitimidade de sua atuação: “somos apenas catequistas fazendo uma bem-humorada ‘catequese de boteco’ e buscando cumprir o que pede o Concílio Vaticano II”. Dessa forma, eles justificam a sua posição de leigos no entendimento de que as verdades da fé e a análise da realidade dependem da reflexão a partir das “fontes certas”, independente da pessoa ser consagrada ou não.

Como declara a catequista: “eu vejo as pessoas muito medrosas de falar de coisas que não estão explícitas no catecismo. Poxa, mas Cristo nos deixou aí a Tradição, as Escrituras, tudo pra gente ter inteligência pra poder analisar as coisas também”.

Nesse sentido, a catequese dos blogueiros vai ganhando contornos apologéticos a partir do apontamento de “erros” doutrinários e morais de outras crenças e até de correntes dentro do próprio catolicismo. As seções do blog “Católico #FAIL”, “Crente #FAIL” e “Fantasminha #FAIL” se dedicam, respectivamente, à demonstração das “falhas” na doutrina de católicos da teologia da libertação, evangélicos e espíritas. As postagens que privilegiam o embate de ideias são as que mais geram repercussão. Com toda essa visibilidade garantida pelo conflito, a “treta”, expressão que nomeia as polêmicas e disputas na internet, foi se firmando como característica de O Catequista, apesar das críticas recebidas.

O enfrentamento e a polêmica geram insatisfações em pessoas não católicas, que discordam das argumentações expostas ou se sentem descontentes com a abordagem dos temas, e também desagrada muitos católicos, que consideram essa postura agressiva como não condizente com a religião cristã. Mesmo assim, os blogueiros não parecem estar incomodados e justificam suas posturas como um “direito de resposta” frente às críticas que a Igreja Católica enfrenta socialmente. Em uma das postagens do blog⁵ eles se explicam:

Atacar a fé católica é modinha. Nos programas de TV, no discurso dos professores, nas peças de teatro, nas piadas, na mídia em geral... O catolicismo é o alvo principal. Mas quando um católico se defende com uma argumentação fundamentada, expondo ao ridículo quem ataca sua fé de forma desonesta e maliciosa, é acusado de “causador de divisão” e de fazer “discurso de ódio”. E quem faz apologética (defesa da fé, com base na razão) é colocado no mesmo balaio de quem espanca um inimigo com um porrete ou incita que outros o façam (O CATEQUISTA, 2016).

Esse tipo de tensão pode ser observado na conversação gerada partir da divulgação do texto “Kardec e Chico Xavier dizem que Jesus não é Deus” na página do blog no Facebook. No artigo, a argumentação se faz através de citações da doutrina espírita que contrariam a doutrina cristã sobre a natureza divina de Jesus. Sobre tal impasse, o texto sugere que é mais racional concordar com a pregação dos apóstolos, e conseqüentemente com o cristianismo, que com as afirmações dos “mensageiros dos fantasmas”, referindo-se aos líderes espíritas. Ao serem acusados de incitar o conflito

entre católicos e espíritas, os catequistas se defendem tentando enquadrar o seu discurso como exposição da verdade e diferenciá-lo da briga e do ataque, como se pode observar na imagem a seguir:

Figura 3: Enfrentamento entre blogueiros e leitores na página de O Catequista no site Facebook.

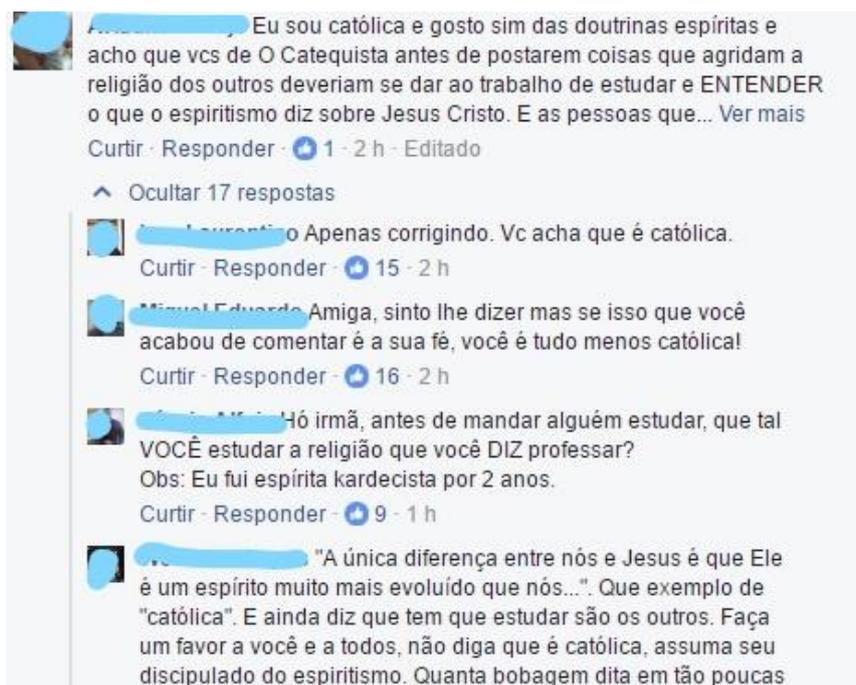


Fonte: www.facebook.com/ocatequista

Outra questão que merece atenção nos comentários é a acusação de que os catequistas são “templários de Facebook”, sugerindo que o discurso dos blogueiros pode ser comparado ao movimento das Cruzadas que na Idade Média combateu militarmente o islamismo na Europa. Apesar dos catequistas afirmarem que a sua prática é apologética e ressaltarem o uso de argumentos racionais para a defesa da fé, é perceptível que o discurso muitas vezes dá lugar ao ataque direto e o bom humor se

transforma em enfrentamento. Essa postura combativa também pode ser observada entre os comentaristas do texto que tratam, eles mesmos, de defender a fé católica, como se pode observar na imagem abaixo:

Figura 4: Enfrentamento entre leitores na página de O Catequista no site Facebook.



Fonte: www.facebook.com/ocatequista

Diante dessa mobilização dos blogueiros e da sua audiência em prol de um “catolicismo autêntico” ficam perceptíveis as continuidades entre o projeto de O Catequista e o catolicismo midiático conceituado por Carranza (2011). Pois, tanto os empreendimentos descritos pela autora como o que apresentamos aqui buscam frear a descatolização por meio do intransigentismo doutrinário e moral.

Outra questão relevante é o fator identitário presente no discurso apologético. Ao ressaltar constantemente a necessidade de defesa da fé, os catequistas reforçam a identidade católica pela marcação das diferenças com outras doutrinas, como evidenciado no trecho abaixo retirado de uma postagem no qual os blogueiros justificam suas formas de atuação:

Além do esclarecimento da verdade, nossos posts funcionam como um alívio cômico para o drama que os católicos vivem em seu dia a dia: são achacados na escola, na universidade, no trabalho e nas redes sociais por pessoas sempre prontas a meter o pau no catolicismo. Gostamos de responder a esses ataques com humor e, sim, com insolência! (O CATEQUISTA, 2016).

Assim, os enfrentamentos se constroem numa ideia de “legítima defesa” e o humor é usado como forma de amenizar os ataques e de justificá-los dentro de um contexto de internet onde os embates entre posições diferentes disfarçados de comicidade são frequentes. Dessa forma, mais contundente que a argumentação lógica e a fundamentação dos posicionamentos, que constituem a apologética, é a constante construção discursiva das diferenças (SILVA, 2000, e WOODWARD, 2000) e do sentido de pertencimento através das polêmicas, as famosas tretas, que parecem ser o diferencial do projeto de O Catequista.

Ao longo dos seis anos de existência do blog, a treta foi deixando de ser um acontecimento difuso nos textos e comentários para se tornar um elemento fixo na atuação dos blogueiros. Dentre os novos projetos que os catequistas lançaram como forma de diversificar a sua produção de conteúdo, três deles possuem a palavra ou a ideia de treta na sua proposta. Em maio de 2016, o casal lançou um programa no site de vídeos YouTube chamado “ Os Caçadores de Treta”, no qual respondem às dúvidas enviadas pelos leitores. Entre as tretas caçadas até agora estão divergências sobre liturgia e sacramentos, diferenças doutrinárias entre católicos e evangélicos, análises sobre feminismo e comunismo. Em outubro do mesmo ano, eles publicaram o livro “ As grandes mentiras sobre a Igreja Católica” no qual apresentam diversos artigos já publicados no blog e prometem “caçar as principais tretas contra a Igreja”. Já em 2017, o catequista, juntamente com dois sacerdotes, passou a comandar um programa semanal chamado “Hora da treta” na emissora de rádio da arquidiocese do Rio de Janeiro/RJ. A proposta do programa consiste em comentam os principais fatos da semana a partir de uma perspectiva católica. Como de costume, esses discursos são construídos com muitas referências doutrinárias e em tom explicativo, contudo a escolha por privilegiar a polemica e o enfrentamento faz com que a apologética fique esvaziada.

Com todo esse investimento, a treta vai deixando de ser apenas uma das possíveis consequências do debate de ideias e vai se tornando uma promessa que precisa ser cumprida para satisfazer a audiência. Diante disso, nos parece que a própria doutrina, defendida com tanto zelo pelos catequistas, vai perdendo espaço para a performance midiática.

Considerações finais

Com a internet figurando como elemento cada vez imbricado no cotidiano de um número cada vez maior de fiéis, o entendimento da faceta digital do fenômeno religioso demanda conceituações teóricas que integrem os contextos on-line e off-line. A análise do blog O Catequista evidencia que a proposta de ensino doutrinário acaba se transformando em um discurso de defesa da fé e de ataque às diferentes crenças. A apologética, que poderia ser uma circunstância natural da catequese, ganha contornos de direito de resposta e de alívio para os católicos que também se sentem atacados em suas convicções. Nesse contexto, o humor se firma como estratégia para camuflar desrespeitos e para justificar os embates como posturas típicas dos ambientes de internet.

Sendo assim, o estudo acerca das dinâmicas do catolicismo midiático em ambientes digitais e em rede evidencia que a continuidade do projeto religioso de reinstitucionalização católica também gera a continuidade de paradigma midiático. Assim, complexificam-se as tecnologias e os fluxos midiáticos, mas os católicos seguem entendendo dicotomicamente forma e conteúdo. Apesar dos avanços que os leigos proporcionam em relação ao entendimento da linguagem da rede e do ambiente digital, a justificativa de sua ação ainda é a divulgação do conteúdo.

Se, do ponto de vista social a apologética dos blogueiros de O Catequista pode ser questionada, na perspectiva etnográfica a postura dos leigos revela a integração cada vez mais naturalizada da experiência midiática e da experiência religiosa. Motivados pela sua missão de catequistas e cientes da sua posição de “nativos digitais”, os leigos se apropriam de estratégias midiáticas sem constrangimentos, aproveitando-se do fato de não precisarem responder tão diretamente às tensões institucionais e políticas da Igreja.

Assim, por mais questionável e condenável que os discursos apologéticos na internet sejam, eles podem evidenciar que, finalmente, uma parcela de fiéis está achando aquilo que buscavam: informações, opiniões e embates que o ajudem a fazer da religião uma experiência a ser vivida de forma que confirme suas posturas e convicções.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CARRANZA, Brenda. **Catolicismo midiático**. Aparecida/SP: Idéias & Letras: 2011.

CUNHA, Magali Nascimento. Elucidações contemporâneas nos estudos brasileiros em mídia e religião: a perspectiva das mediações culturais e comunicacionais. *In: Revista Famecos*. Porto Alegre, v. 23, n. 2, maio, junho, julho e agosto de 2016.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? *In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). Identidade e Diferença*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000. p.103-133.

HINE, Cristine. Estratégias para etnografia da internet em estudos de mídia. *In: B. CAMPANELLA. e C. BARROS. (Orgs) Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos*. Rio de Janeiro: E-papers, p 11-29, 2016.

HOOVER, Stewart. **Mídia e religião**: premissas e implicações para os campos acadêmico e midiático. *Comunicação & Sociedade*. São Bernardo do Campo, v. 35, n. 2, p. 41-68, jan./jun. 2014.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeus da. A produção social da identidade e diferença. SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org). *In: Identidade e diferença*. Petrópolis/RJ: Vozes. P 73-102.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). Identidade e diferença*. Petrópolis/RJ: vozes, 2000. p.7-71.